CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANA PAULA MARQUES DE CASTRO

PSICOMOTRICIDADE:
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Apucarana
2022

ANA PAULA MARQUES DE CASTRO

PSICOMOTRICIDADE:
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Sirley Biage Maldonado

Apucarana
2022

ANA PAULA MARQUES DE CASTRO

PSICOMOTRICIDADE:
CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Apucarana – FAP, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, com nota final igual a 10,0, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Mestre Sirley Biage Maldonado
Faculdade de Apucarana

Profª. Ma.Camilla Samira de Simoni Bolonhezi
Faculdade de Apucarana

Profª. Mestre Gabriela da Silva Sacchelli
Faculdade de Apucarana

Apucarana, 07 de Junho de 2022.

CASTRO, Ana Paula Marques de. **Psicomotricidade:** Contribuição para a Educação Infantil. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Graduação em Pedagogia. Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana- Pr. 2022.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as contribuições da psicomotricidade para a Educação Infantil. O estudo foi norteado pela seguinte questão: Qual a contribuição da psicomotricidade, para o desenvolvimento motor da criança na Educação Infantil? A partir deste problema de pesquisa, foi definido o objetivo do estudo de verificar a contribuição da psicomotricidade, nas etapas do desenvolvimento motor, na fase da Educação Infantil. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com utilização do instrumento de pesquisa bibliográfica, que visa conhecer mais sobre as contribuições da psicomotricidade. Os resultados da pesquisa apontam que a psicomotricidade visa contribuir de maneira expressiva para o bom desenvolvimento e formação do esquema corporal, e dos demais elementos psicomotores na Educação Infantil. O momento da brincadeira é importante na Educação Infantil, pois, as crianças costumam colocar seus novos aprendizados em prática por meio dela, sendo que a psicomotricidade é uma ferramenta que coopera na formação integral dos alunos, estabelecendo noções de esquema corporal, tempo, espaço e direção no desenvolvimento da criança. Além disso, contribuem para a aprendizagem da leitura, escrita, concentração, raciocínio lógico e desenvolvimento motor, levando a criança a tomar consciência do seu corpo. Assim, por meio destas atividades, as crianças se divertem, criam, interpretam e se relacionam com o mundo em que vivem, contribuindo também para o seu desenvolvimento motor.

Palavras- chave: Psicomotricidade. Desenvolvimento Motor. Funções Psicomotoras Básicas.

CASTRO, Ana Paula Marques de. **Psychomotricity:** Contribution to Early Childhood Education. 52 p. Work (Monograph). Graduation in Pedagogy. FAP – College of Apucarana. Apucarana-Pr. 2022.

ABSTRACT

The present work has as its theme the contributions of psychomotricity to early childhood education. The study was guided by the following question: What is the contribution of psychomotricity to the child's motor development in Early Childhood Education? From this research problem, the objective of the study was defined to verify the contribution of psychomotricity, in the stages of motor development, in the Early Childhood Education phase. The was developed from a qualitative research, using the instrument of bibliographic research, which aims to know more about the contributions of psychomotricity. The research results indicate that psychomotricity aims to contribute significantly to the development and formation of the body schema and other psychomotor elements in Early Childhood Education. The moment of play is important in Early Childhood Education, because children usually put their new learning into practice through it, and psychomotricity is a tool that cooperates in the integral formation of students, establishing notions of body schema, time, space and direction in child development. In addition, collaboration for learning writing, awareness, awareness, the importance of logic and the development of your body. Thus, through these activities, as they deviated, developed, interpreted ando related to the world in which they developed, they also developed for their motor development.

Keywords: Psychomotricity. Motor Development. Basic Psychomotor Functions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Fases e estágios do desenvolvimento motor 18
Figura 2– Reação de Moro.....20
Figura 3 – Desenvolvimento motor da criança (primeiro ano de vida) 26
Figura 4– Garatuja Desordenada.....39
Figura 5– Garatuja Ordenada.....39

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAP	Faculdade de Apucarana
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SBP	Associação Brasileira de Psicomotricidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 8
2 PROBLEMA DE PESQUISA 10

3 OBJETIVOS 10
3.1 Objetivo Geral 10
3.2 Objetivos Específicos 10

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 11
4.1 Educação Infantil 11
4.2 Psicomotricidade 14
4.3 Desenvolvimento Motor 17
4.3.1 Fase do movimento reflexo 19
4.3.2 Fase dos movimentos rudimentares 21
4.3.3 Fase dos movimentos fundamentais 25
4.4 Funções psicomotoras básicas 29
4.5 Desenvolvimento psicomotor 34
4.6 As fases de evolução do desenho infantil 36
4.6.1 Fase da garatuja 38
4.6.2 Fase pré-esquemática 40

5 METODOLOGIA DA PESQUISA 41
5.1 Tipo de Pesquisa 41
5.2 Pesquisa Bibliográfica 42

6 DISCUSSÃO 43

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 44

REFERÊNCIAS 45

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a contribuição da psicomotricidade para a Educação Infantil. A psicomotricidade é muito importante para o desenvolvimento da criança, principalmente na primeira fase da infância, portanto, ao se inserir elementos que promovem a psicomotricidade na Educação Infantil, como atividades e brincadeiras lúdicas, contribui-se muito para o desenvolvimento psicomotor dos alunos (ARANHA, 2016).

A escolha deste tema se deu pela curiosidade da acadêmica, em aprofundar os conhecimentos sobre a contribuição da psicomotricidade na Educação Infantil, em decorrência da participação da pesquisadora nas aulas da disciplina de educação e psicomotricidade, cursado no 1º semestre do Curso de Pedagogia em 2020. Por meio desta disciplina, viu-se a importância de cada fase do desenvolvimento da criança e os benefícios de as atividades psicomotoras serem introduzidas em centros de Educação Infantil e na própria casa, pelos familiares. Corroborando com essa afirmação, Wrasse (2018) argumenta que a psicomotricidade na Educação Infantil coopera na formação integral das crianças, é uma ferramenta que auxilia de forma qualitativa. Ter esse apoio é de fundamental valor para todos os profissionais dessa etapa educacional.

Segundo Defontaine (*apud* BATISTA, 2014, n.p) a psicomotricidade tem como objetivo desenvolver o aspecto comunicativo do corpo, o que equivale a dar ao indivíduo a possibilidade do domínio corporal, de economizar sua energia, de pensar seus gestos a fim de aumentar-lhes a eficácia e a estética, de completar e aperfeiçoar seu equilíbrio. Complementando, Defontaine (*apud* BATISTA, 2014, n.p) diz que a psicomotricidade está voltada para o aperfeiçoamento do desenvolvimento psicomotor em crianças inseridas no processo de aprendizagem, portanto, requer um trabalho adequado partindo de uma parceria entre os professores.

A psicomotricidade contribui para incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança e, por este motivo, é recomendado “que os jogos e brincadeiras ocupem um lugar de destaque no programa escolar desde a Educação Infantil” (LIMA; BARBOSA, 2007, p.1 *apud* BATISTA, 2014, n.p). Desta forma, a

pesquisa tem como objetivo geral verificar a contribuição da psicomotricidade nas etapas do desenvolvimento motor, durante a Educação Infantil.

O estudo foi organizado em seis tópicos. O primeiro tópico aborda sobre a Educação Infantil, os aspectos legais desta fase da educação, assim como as características da faixa etária. O segundo tópico, trata sobre a psicomotricidade e suas contribuições para o desenvolvimento integral das crianças. O terceiro discute sobre o desenvolvimento motor e suas quatro fases: a motora reflexa, movimentos rudimentares, fundamentais e especializados.

As funções psicomotoras básicas foram citadas no quarto tópico, no qual foram destacadas as fases do esquema corporal. O quinto tópico aborda sobre o desenvolvimento psicomotor, no qual será abordado sobre os aspectos psicomotores. E, por fim, o sexto tópico, aborda duas etapas de evolução do desenho infantil, que são: Garatuja (desordenada e ordenada) e Pré-esquematismo.

2 Problema de pesquisa

A problemática que norteou a realização do estudo é a seguinte: Qual a contribuição da psicomotricidade, para o desenvolvimento motor da criança na Educação Infantil?

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Verificar a contribuição da psicomotricidade, nas etapas do desenvolvimento motor, na Educação Infantil.

3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- Analisar, teoricamente, os conhecimentos sobre Educação Infantil, psicomotricidade, desenvolvimento motor, funções psicomotoras básicas e desenvolvimento psicomotor;
- Pesquisar sobre as fases de evolução do desenho infantil, com utilização do instrumento de pesquisa bibliográfica;
- Discutir os dados coletados, com base na fundamentação teórica.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Educação Infantil

A Educação Infantil é oferecida em creches e pré-escolas, com a função de cuidar e educar, assegurando o direito da criança de ser criança, em uma instituição educativa, e desfrutar de uma boa qualidade de vida. Com profissionais capacitados, a formação dos professores deve ser em nível superior, admitindo-se como formação mínima o curso formação de docentes em nível médio, de acordo com o Art. 62 da LDB- Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996).

O ato de cuidar significa valorizar e ajudar a criança a desenvolver suas capacidades. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil orienta que “no ato de brincar os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa daquilo que aparentam ser” (BRASIL, 1998, p .27). Na Educação Infantil, toda a brincadeira deve ter o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da criança, exigindo também uma boa interação dos alunos com o professor, formação teórica e prática, além da criatividade. Sobre o assunto, Didonet (2003, p.11 *apud* RIBEIRO, 2017) afirma que:

> Falar da creche ou da educação infantil é muito mais do que tratar de uma instituição, de suas qualidades e defeitos, da sua necessidade social ou sua importância educacional. É falar da criança. De um ser humano, pequenino, mas exuberante de vida; dependente, mas capaz de polarizar atenções ao redor de si; todo aberto para o outro, mas que só se desvela se, no outro, houver paixão.

Ao se tratar da infância e da criança, não se deve ignorar os fatores históricos, sociais e políticos que a circundam. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, na Educação Infantil, a escola precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações.

A Infância é uma etapa fundamental para o desenvolvimento da criança, portanto, exige muita atenção para que ela sempre se sinta motivada a aprender, sendo

que a brincadeira é um recurso muito importante nesta etapa, promovendo o aprendizado do conteúdo na prática, onde incluem-se os momentos de ludicidade.

Neste ponto, cabe ressaltar que é essencial que as crianças sejam conduzidas nas atividades com muito cuidado, respeito e afetividade para um bom desenvolvimento. O ambiente da Educação Infantil deve estar repleto de carinho e atenção, o momento da brincadeira é muito importante no sentido motor, pois é por meio das brincadeiras que a criança aprende a se equilibrar, pular de um pé só, pular corda, segurar um objeto sem derrubar, entre outros.

Segundo Pinheiro (2010, p. 29) “as brincadeiras são o primeiro recurso no caminho da aprendizagem. Não são apenas diversão, mas um modo de criar representações do mundo concreto com a finalidade de entendê-lo”. No berçário, por exemplo, o ambiente deve ser acolhedor, em que o professor, além dos cuidados, também deve promover momentos de atividades lúdicas para contribuir com o desenvolvimento do bebê.

Segundo Kendzierski (2012), a Jardineira, que, segundo denomina Froebel, são as pessoas que cuidam e educam as crianças no Jardim da Infância, precisam criar momentos pedagógicos dirigidos, com base nos dons, e deixariam momentos livres em que a criança poderia escolher de qual jogo ou brincadeira gostaria de participar naquele momento. Ainda sobre Froebel, Pinheiro (2010) diz que o pedagogo considerava a Educação Infantil muito importante para a formação da criança, assim como grande parte dos teóricos da educação que vieram depois dele. Para ele, o propósito das atividades nos jardins-de-infância era possibilitar brincadeiras criativas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, determinadas pela Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, traz em seu artigo 10, que “as instituições de Educação Infantil, devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação” (BRASIL, 2009).

Assim, é importante realizar observações críticas das atividades que as crianças realizam, inclusive as brincadeiras do cotidiano**.** A observação é um dos mais importantes instrumentos realizados pelo professor. Oliveira (2012, p. 35, *apud* CASTILHO, 2016, p. 148), afirma que “observar exige mirar, reparar, notar, registrar e

interpretar. Quanto mais trabalhamos a observação, mais e melhor podemos observar". Uma observação bem-feita também permite aprender alguns elementos na atuação em relação a sua turma de crianças e refletir sobre as razões e preocupações que a estariam mediando.

Piaget (1932/1934 *apud* LIMA, 2011), outro importante teórico que trata sobre o desenvolvimento infantil e a educação, afirma que as crianças estabelecem relações sociais desde muito cedo, através do contato com os familiares, com amigos, os professores, vizinhos da comunidade, sendo que a Educação Infantil é uma das mais importantes etapas da formação das crianças, pois é onde elas começam a existir fora do convívio familiar. Isto exige lidar com diferenças, com o fortalecimento da personalidade e da autonomia, com a criação de vínculos de amizade e com as descobertas em diferentes áreas do conhecimento. A Educação Infantil também funciona como uma base para as demais etapas da educação formal e o correto aproveitamento desta fase possibilita que as crianças cresçam com mais autonomia e tenham mais sucesso em sua vida escolar e individual.

Segundo Kishimoto, o brincar infantil deve ser livre e espontâneo e, em relação à sua utilização na Educação Infantil, a autora ressalta que "Todo período da Educação Infantil é importante para a introdução de brincadeiras" (KISHIMOTO, 2010, *apud* SOBRAL; RIBEIRO, 2019, p. 9). Por isso, bebês e crianças exigem cuidados especiais e muito tato, sendo que a proposta pedagógica da Educação Infantil deve prever a realização de jogos, brincadeiras e atividades prazerosas que além de ensinar, divertem, tornando o processo de construção do conhecimento muito mais assertivo e divertido.

Desta forma, a etapa da infância, é de suma importância para construção do conhecimento de uma criança. Destarte, a Educação Infantil é obrigatória no Brasil, na etapa pré-escolar, para crianças de 4 e 5 anos. Os aspectos legais, como o avanço para o reconhecimento da Educação Infantil no Brasil, se deram inicialmente com o texto original da Constituição Federal de 1988, onde a Carta Magna trazia o atendimento de crianças.

A Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, foram dispositivos legais que contribuíram para a promulgação da Lei nº

9.394/1996, que traz as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no qual comprova a Educação Infantil como dever de Estado, para o desenvolvimento pleno, seguro, saudável e feliz das crianças.

4.2 Psicomotricidade

De acordo com a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (2012 *apud* PATEL; KRENKEL; LARANJEIRA, 2012, p. 14) a psicomotricidade por ser definida como "[...] a ciência que tem como objeto de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo" bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Com brincadeiras e jogos, pode-se notar que a psicomotricidade é extremamente necessária, sendo que o processo de desenvolvimento humano à envolve, já que ela está ligada como a que as habilidades emocionais, cognitivas e motoras, nas diversas etapas da vida do ser humano.

Segundo a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (SBP) (2003, *apud* LUSSAC, 2008), a psicomotricidade é o termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas. É uma abordagem multidisciplinar, com atuações motoras e psíquicas, que envolvem postura, percepção corporal e motricidade expressiva. A psicomotricidade privilegia a interação entre o domínio cognitivo, afetivo e motor visando uma educação ou reeducação do movimento.

No ponto de vista do De Meur e Staes (1991 *apud* LUSSAC*,* 2008), a psicomotricidade é definida como uma área do conhecimento que visa destacar "a relação existente entre a motricidade, a mente e a afetividade e facilitar a abordagem global da criança por meio de uma técnica". Destarte, a educação psicomotora é considerada uma educação de base, estando intrinsecamente ligada à capacidade de aprender o conteúdo da pré-escola. Com ela a criança toma consciência do seu corpo, da lateralidade, da sua situação e da situação de outros objetos no espaço, do domínio temporal, além de adquirir habilidades de coordenação de seus gestos e movimentos.

Segundo Barreto (2000, *apud* GROSS*,* s.d), o desenvolvimento psicomotor é importante na prevenção de problemas da aprendizagem. Dessa forma, a psicomotricidade e a intervenção pedagógica exerce grande influência na vida da criança, estimulando-a a conhecer-se como um ser integral e favorecendo o seu desenvolvimento e a sua aquisição de conhecimentos.

Segundo Oliveira (1997 *apud* GOZZI; CHEMELLO; MAURINA, 2018), a psicomotricidade deve ser considerada base para todos os aprendizados pré-escolares da criança, uma vez que ajuda a aumentar seu potencial motor e utilizar o movimento para atingir aquisições, como as intelectuais. A contribuição da psicomotricidade para o processo de aprendizagem é imensa, visto que a mesma leva a criança a ter noção de seu corpo, de trabalho com as suas emoções, a coordenação dos seus gestos e movimentos, a concepção de espaço e a dominar seu tempo e lateralidade.

Destarte, dificuldades no desenvolvimento psicomotor podem estar relacionadas às dificuldades na aprendizagem, assim, é necessário:

> Abordar novas percepções para reforçar o professor e a comunidade escolar a ter uma visão global e diferenciada da importância no desenvolvimento psicomotor da criança, fará com que compreendam que, algumas vezes, as falhas no processo de ensino aprendizagem, decorram de atrasos relacionados ao desenvolvimento cognitivo e psicomotor. Diante disso, seria importante agir com objetivos que possam ser alcançados e trabalhar com atividades lúdicas (GOZZI; CHEMELLO; MAURINA, 2018, p. 1).

As atividades lúdicas devem ter como objetivo desenvolver a estimulação psicomotora e habilidades importantes que auxiliem a criança, proporcionando caminhos na superação das dificuldades que apresentar. Assim:

> Manifesta múltiplos campos de atuação e hoje se encontra mediada pela interdisciplinaridade, considerando práticas fundamentadas nas concepções psicomotoras. Esta se torna importante, pois está ligada ao desenvolvimento do ser humano em todas as fases e, por meio do corpo em movimento, se direciona ao ser em sua totalidade, nos aspectos motores, emocionais, afetivos, intelectuais e expressivos (GOZZI; CHEMELLO; MAURINA, 2018, p. 1).

Com isso, a criança aprende muito mais quando ela vivencia uma determinada atividade pedagógica, tornando-se muito difícil conduzir o ensino das crianças sem utilizar jogos e brincadeiras.

A criança é considerada bebê até a idade de dois anos, e no berçário, ela precisa encontrar um ambiente seguro e tranquilo para se sentirem mais confiantes, de maneira que possam, gradualmente, sentirem-se parte do grupo. Ao criar uma relação de confiança com os professores e com as outras crianças, eles vão aos poucos construindo seu próprio espaço no grupo com autonomia.

Esta faixa etária é extremamente importante para o desenvolvimento da psicomotricidade. Para que o bebê vivencie das contribuições da psicomotricidade em sua vida, é necessário um ambiente organizado para a promoção de segurança e autonomia, com a função de dar apoio à exploração e ao conhecimento dos ambientes, pessoas e objetos. Uma sala compõe-se de cantos de atividades e materiais que possibilitam a exploração/investigação individual ou em pequenos grupos, com a supervisão do adulto. Os bebês precisam, também, visualizar o adulto sem impedimentos, para que se sintam encorajados a explorar todos os cantos.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), para que a criança vivencie as contribuições da psicomotricidade, torna-se necessário que seja oferecido brinquedos que permitam ações de repetição simples, com peças de encaixe ou de empilhar. É importante também variar e oferecer outros tipos de materiais, como caixas, cubos de plástico ou de pano, bacias de diferentes tamanhos, argolas, bolas, carrinhos de puxar e empurrar, promovendo uma ampliação dos movimentos.

Quando o bebê começa a andar, é necessário incentivá-lo a explorar o espaço para ampliar suas habilidades motoras. É importante que se coloque um tatame ou um colchonete para ampará-lo nas possíveis quedas. Os materiais como, livros de histórias, fantoches, acessórios de faz de conta como chapéus, fantasias, carrinhos, fotografias e imagens também favorecem e estimulam a comunicação e exploração. O teto também pode ser explorado com móbiles, panos coloridos, fitas, etc.

Observando que, quanto menor a criança, menor será a diversidade de materiais dispostos para que a sala não fique confusa. O ideal é disponibilizar materiais

variados em quantidade adequada ao número de crianças, priorizando a segurança e a qualidade desses materiais, acrescentando, de acordo com o projeto desenvolvido e o interesse dos bebês, novos materiais e brinquedos no arranjo da sala.

É extremamente importante estimular as atividades que desenvolvem a psicomotricidade no cotidiano das crianças. Para isso, são necessários ambientes adequados e espaços organizados para as práticas de tais atividades. Segundo Batista (2014), estas devem contemplar aspectos de tonicidade, equilíbrio, noção de corpo, estruturação espaço-temporal, praxia global e lateralização. Seu objetivo principal é influenciar o potencial motor e reduzir as lacunas de atraso no desenvolvimento da criança.

O ato de brincar é uma estratégia de intervenção em psicomotricidade. As brincadeiras desenvolvem as habilidades psicomotoras já que muitos dos movimentos envolvidos são comuns a todas as crianças, tais como levantar, andar, correr, saltar, sentar, ajoelhar e etc. Outros tantos irão depender das oportunidades oferecidas a estas crianças.

4.3 Desenvolvimento Motor

O desenvolvimento motor é um processo sequencial, contínuo e relacionado à idade cronológica, com alterações complexas e interligadas, envolvendo todos os aspectos de crescimento e maturação dos aparelhos e sistemas do organismo. É muito importante realizar um acompanhamento do desenvolvimento motor da criança, principalmente nos primeiros anos de vida, de forma que seja possível o diagnóstico de doenças motoras em estágios iniciais, o que pode facilitar o tratamento e torná-lo muito mais rápido. Um bom desenvolvimento motor repercute na vida futura da criança, bem como em seus aspectos sociais, intelectuais e culturais.

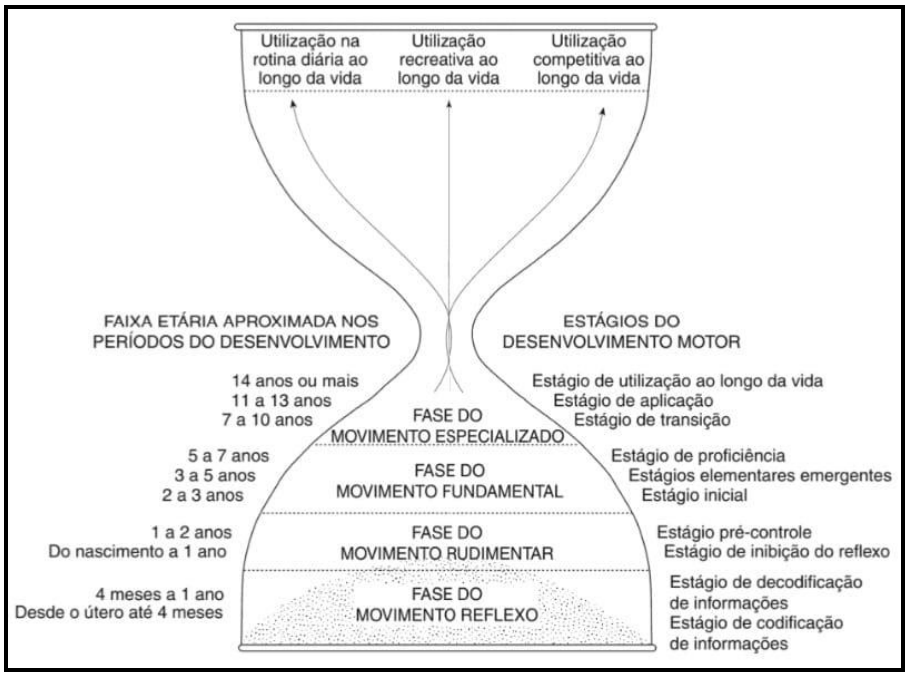
Segundo Xavier (2018), o desenvolvimento motor, são mudanças no comportamento dos movimentos ao longo do tempo, sendo um processo de alteração no comportamento, relacionado com a idade, tanto na postura quanto no movimento da criança. Trata-se de um componente do desenvolvimento geral do ser humano e definido como as alterações no comportamento motor através do ciclo da vida.

O ser humano apresenta uma melhoria linear no desempenho motor durante o seu desenvolvimento, e isso acontece toda vez que se torna necessário o aprimoramento de tais habilidades, fazendo um caminho inverso durante o envelhecimento. Assim, de acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 67), “O processo de desenvolvimento motor revela-se, principalmente, por mudanças no comportamento dos movimentos ao longo do tempo”.

Durante a vida, todos nós estamos envolvidos no processo de aprender, a exemplo da habilidade de se movimentar com controle e competência, em resposta às necessidades ambientais. Assim, o desenvolvimento motor é o estudo das características do comportamento motor e de como estas características mudam ao longo do tempo, como resultado da maturação e experiência.

Tais mudanças podem ser observadas através dos movimentos observáveis, que, conforme Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 67), “[...] podem ser agrupados em três categorias funcionais, ao longo de todas as fases do desenvolvimento motor: movimentos de estabilidade, locomoção e manipulação. Segundo os autores, existem quatro fases do movimento, conforme mostra a figura a seguir.

Figura 1– Fases e estágios do desenvolvimento motor



Fonte: Gallahue, Ozmun e Goodway (2013).

Assim, as fases do movimento segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), são: fase do movimento reflexo, fase do movimento rudimentar, fase do movimento fundamental e fase do movimento especializado. O aprofundamento teórico será realizado somente nas fases do movimento reflexo, rudimentar e fundamental, pois são elas que estão envolvidas com a Educação Infantil.

4.3.1 Fase do movimento reflexo

A Primeira fase é do movimento reflexo. O desenvolvimento motor tem como base os movimentos reflexos. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), essa fase está dividida em dois estágios, sendo que primeiro estágio é a da codificação de informações, sendo que o movimento é uma resposta de coleta de informação, de nutrição e de proteção. Caracteriza-se por movimentos involuntários, observáveis desde o período fetal até os 4 meses. São também a base de informações que o bebê recebe para o seu desenvolvimento e sobrevivência, portanto, são as primeiras formas do movimento humano. Os reflexos são capacidades e não habilidades, sendo movimentos involuntários, em que o bebê reage a toques, sons, luz e mudanças de pressão.

O segundo estágio é o da decodificação de informações, inibição dos centros cerebrais inferiores e maior controle do córtex sobre os movimentos. Os movimentos, similares aos voluntários, ocorrem em decorrência de testes dos mecanismos de estabilidade, manipulação e locomoção. É observável desde os 4 meses até 1 ano. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 69), “o estágio de decodificação substitui a atividade sensório-motora pela atividade perceptivo-motora. Ou seja, o desenvolvimento do controle voluntário dos movimentos esqueléticos”.

Os reflexos são uma reação corporal automática à estimulação. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 143), “os reflexos primitivos estão estreitamente associados com a obtenção de nutrição e proteção pelo bebê”, estando ligados a busca pela sobrevivência. Existem alguns reflexos primitivos como a reação de Moro, sucção, pressão palmar, reflexo de Babinski e os reflexos posturais.

Segundo Nazario, Arins e Kurz (2011), o reflexo moro acontece mediante um susto, quando o bebê tem a sensação que vai cair, os braços e pernas se estendem e as mãos do bebê se abre por completo. Após, os membros retornam à posição flexionada. Foi descrito por André Thomas (*apud* CARVALHO 2011, p.22), como “reflexo de braços em cruz”.

Figura 2– Reação de Moro

Fonte: Flehmig (2002, p.28 *apud* CARVALHO, p.22, 2011)

O reflexo de sucção permite ao recém-nascido a obtenção de nutrição da mãe. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), este reflexo tem duas fases: a fase expressiva, quando o bebê aperta a língua entre o mamilo e o palato, e a fase de sucção, que é a pressão negativa na cavidade bucal, provocado durante a amamentação. O reflexo de pressão palmar é acionado quando um adulto coloca um dedo na palma da mão do bebê, ele aperta-o de imediato. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 145), “o reflexo de preensão normalmente está presente ao nascimento e persiste durante os quatro primeiros meses”.

O reflexo de Babinski, Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 146), “[...] é evocado pelo toque na sola dos pés. A pressão causa a extensão dos dedos do pé. Quando o sistema neuromuscular amadurece, o reflexo de Babinski cede espaço ao reflexo plantar”. Os reflexos posturais são movimentos involuntários com a função de preparar e adaptar o sistema neuromotor para o desenvolvimento das categorias de movimento de locomoção, manipulação e estabilização.

De acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 147), os reflexos posturais “permitem de forma automática, que o indivíduo mantenha a posição ereta em relação ao seu ambiente”. A ausência de reflexos ou reflexos desiguais pode indicar desordens no sistema nervoso. Geralmente, disfunções neurológicas acarreta em completa ausência de reflexos, reações muito fortes ou muito fracas e reflexos além dos 12 meses pós-natal, no qual deveria ter sido inibido.

4.3.2 Fase dos movimentos rudimentares

Os movimentos rudimentares são determinados de forma maturacional e representa um período de prática e domínio das muitas tarefas rudimentares iniciadas no primeiro ano. O bebê começa a controlar os seus movimentos no estágio de inibições dos reflexos, assim, esta fase é caracterizada por movimentos estabilizadores, como as tarefas manipulativas de alcançar e os movimentos locomotores de arrastar-se, engatinhar e caminhar. Nada mais é do que a transição entre as formas reflexas de motricidade e os padrões fundamentais de movimento.

De acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), essa fase está dividida em dois estágios que apresentam progressivamente ordens superiores de controle motor. O primeiro estágio é o de inibição do reflexo: no período neonatal, o movimento é mal definido e mal controlado, mas, aos poucos, os reflexos são inibidos e tem início ao estágio de inibição dos reflexos.

Desde o nascimento, o recém-nascido recebe muitas estimulações, sendo elas visuais, sonoras, olfativas, táteis e sinestésicas. Esses estímulos e as respostas formam uma base de coleta de informações, também conhecida como estágio de codificação. Nessa etapa da vida da criança os reflexos são as primeiras informações a serem armazenadas no córtex em desenvolvimento. Quando os centros cerebrais adquirem maior controle sobre a disposição sensório motor, o bebê tornasse capaz de processar informações com mais eficiência. Neste estágio o bebê passa pelo desenvolvimento do córtex e aos poucos os reflexos vão desaparecendo.

Os reflexos primitivos e posturais são substituídos por movimentos voluntários, ao passo que a criança começa a adquirir controle sobre a musculatura, aprendendo a

lidar com a força da gravidade e a movimentar-se de modo controlado no espaço. O segundo estágio é o de pré-controle, que, conforme salientam Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 70), “em torno de 1 ano de idade, o bebê começa a exercer maior precisão e controle desses movimentos”, havendo uma maior integração dos processos sensoriais e motor, que se tornam mais desenvolvidos.

O bebê deve ser incentivado a fazer tentativas objetivas, mesmo que rudimentares, de realizar tarefas motoras. Um ambiente que forneça estímulos suficientes por meio de oportunidades motoras pode ser benéfico, pois acelera o desenvolvimento das habilidades motoras rudimentares. De acordo com Gallahue e Ozmun (2001 *apud* MARQUES *et al*., 2013), as habilidades motoras fundamentais se dividem entre estabilizadoras, locomotoras e manipulativas.

Sobre o assunto, Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 70), “No estágio pré-controle, as crianças aprendem a adquirir e a manter o equilíbrio, a manipular objetos e a locomover-se no ambiente com incrível grau de proficiência e controle”. Desta forma, as tentativas de movimentos são precisas e firmes, sendo essencial um ambiente que forneça estimulação suficiente, com abundantes oportunidades de pratica e incentivo positivo. Neste estágio, podemos observar três categorias primárias de movimento necessárias à sobrevivência e à interação efetiva e eficiente com o mundo.

A estabilidade, de acordo com Gallahue e Ozmun (2001, *apud* HOLDERBAUM, 2012), é a primeira categoria que deve ser dominada pelo bebê, pois ele precisa estabelecer e manter a relação entre o corpo e a força da gravidade para alcançar uma postura ereta quando sentado e de pé. A sequência de aquisição das habilidades motoras estabilizadores envolvem, no primeiro ano de vida criança, o controle da cabeça, controle do tronco, controle do quadril e ficar em pé. Envolvem também movimentos como o rolamento, apoio em um pé e apoio invertido.

Segundo Teixeira (2012), os movimentos de estabilização são qualquer movimento no qual algum grau de equilíbrio é requerido, isto é, praticamente todas as habilidades motoras, que não podem ser classificados como locomotores ou manipulativos. O equilíbrio é uma habilidade importante até mesmo para andar, bem como em outras diversas atividade, incluindo esportes como Ginástica Olímpica, Surfe e Skate.

Os movimentos de estabilidade constituem a base para as outras habilidades locomotoras e manipulativas, uma vez que todo movimento envolve um elemento de equilíbrio. As habilidades motoras de equilíbrio, às vezes referidas como habilidades não-locomotoras, são aquelas que permanecem no lugar, mas se movem ao redor de seu eixo horizontal ou vertical. Há tarefas de equilíbrio dinâmico nas quais o objetivo é obter ou manter o equilíbrio contra a força da gravidade.

Uma dessas tarefas é o apoio invertido, que pode ser classificado em diferentes estágios. No estádio inicial, o sujeito é incapaz de ficar na posição invertida com os três apoios por um segundo ou mais, devido a sensação sinestésica fraca para com as partes de corpo não vistas e pouco controle coordenado dos movimentos.

No estágio elementar, o indivíduo consegue manter a posição de três apoios triangulares em contato com a superfície, é capaz de manter o equilíbrio por dois ou três segundos, com adição frequente de quarto ponto de equilíbrio, apresentando melhora gradual em controlar as partes do corpo despercebidas.

Por fim, no estágio maturo, o sujeito tem bom controle da cabeça e pescoço, boa percepção sinestésica das partes do corpo não vistas, apresenta um bom controle do corpo, mantêm uma posição invertida com três ou dois apoios em equilíbrio durante mais de três segundos e sai da postura estática em controle.

A locomoção é a categoria que diz respeito ao desenvolvimento das capacidades básicas para se movimentar pelo ambiente. Para Gallahue e Ozmun (2001 *apud* HOLDERBAUM, 2012), arrastar e engatinhar, são tarefas locomotoras, que vão evoluindo para a locomoção ereta, que depende da estabilidade do bebê, uma vez que ele deve primeiro conseguir ficar em pé, para depois dominar as mudanças posturais.

Dessa forma, os movimentos que levam a postura de pé ereta começam com a aquisição de controle sobre cabeça e o pescoço, prosseguindo em um movimento descendente, na direção do tronco e das pernas. Esse desenvolvimento fica aparente quando o bebê progride em sequência, da posição deitado para a posição sentada e, posteriormente, para a posição de pé ereta.

Portanto, a locomoção envolve mudanças na localização do corpo em relação a um ponto fixo na superfície, permitindo que a criança poderá explorar o ambiente, construindo sua noção de espaço. O andar é uma habilidade comum, sendo que o

correr está presente em muitas atividades, como jogos, brincadeiras e esportes. Saltar é uma habilidade comum em brincadeiras, como pular corda e amarelinha, e em esportes, como algumas provas do atletismo.

Na manipulação, segundo Gallahue e Ozmun (2001, *apud* HOLDERBAUM, 2012), o bebê desenvolve capacidades rudimentares de alcançar, chutar, correr, receber, arremessar, pegar e soltar objetos. Assim, as habilidades manipulativas ou de controle de objetos, refere-se ao controle manual ou pedal de objetos, concedendo-lhes força ou recebendo a força exercidas por eles.

As habilidades de manipulação incluem atividades de arremessar e chutar. “Os movimentos de estabilização, considerados parte essencial dos padrões para locomoção e manipulação, permitem a manutenção de uma postura no espaço e em relação à força de gravidade” (TANI *et al*, 1998, *apud* MARQUES, 1995, p. 22). Deste modo, impulsionar um objeto no espaço, o mais longe ou em direção a algum alvo, mas apesar de envolver, principalmente, os braços (arremessar, receber) ou as pernas (chutar), deve haver uma participação efetiva de todos os segmentos do corpo.

As habilidades manipulativas abrangem movimentos grossos e finos. A manipulação motora grossa refere-se aos movimentos que envolvem dar força a objetos ou receber força dos objetos. Arremessar, receber, chutar, agarrar e rebater são consideradas habilidades motoras fundamentais manipulativas grossas. Arremessar e lançar são habilidades encontradas em várias brincadeiras, como queimada e boliche, e em esportes, como handebol, basquete e lançamentos no atletismo. Receber é uma habilidade motora bastante comum em esportes coletivos, jogos e treinamentos de fundamentos de certos esportes.

Segundo Gallahue & Ozmun (2001 *apud* HOLDERBAUM, 2012), embora a sequência de aquisição das habilidades geralmente seja invariável no período do bebê e no começo da infância, o ritmo de aquisição é diferente de acordo com a criança. Portanto, existe a hipótese de que o desenvolvimento motor inicial não seja apenas em função da maturação neurológica, mas também de um sistema auto-organizado, que envolve as exigências da tarefa de movimento, as condições do ambiente imediato e a biologia do indivíduo.

4.3.3 Fase dos movimentos fundamentais

A fase de movimentos fundamentais é uma fase de várias descobertas, em que "[...] as habilidades do movimento fundamental no início da infância são fruto da fase do movimento rudimentar do bebê" (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013, p. 70). Essa fase do desenvolvimento motor representa um tempo em que as crianças mais novas estão ativamente envolvidas na exploração e experimentação do potencial de movimentos de seus corpos.

De acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway (2013), essa fase está dividida em três estágios:

- Estágio inicial: é observável de 2 a 3 anos e está associado aos movimentos estabilizadores. Caracteriza-se pelas primeiras tentativas observáveis da criança de um padrão de movimentos;
- Estágios elementares emergentes: é a fase de 3 a 5 anos e envolvem a aquisição de maior controle motor e coordenação rítmica das habilidades do movimento fundamental.
- Estágio de proficiência: Caracteriza-se pela execução dos movimentos fundamentais com desempenho mecanicamente eficientes e mais controladas.

O professor da Educação Infantil tem um papel muito importante nessa faixa etária, que é o de proporcionar as crianças oportunidades e situações para que eles possam progredir no processo de desenvolvimento dos movimentos fundamentais e, cada vez mais, aperfeiçoarem a realização e interação desses movimentos. Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 72), destacam que:

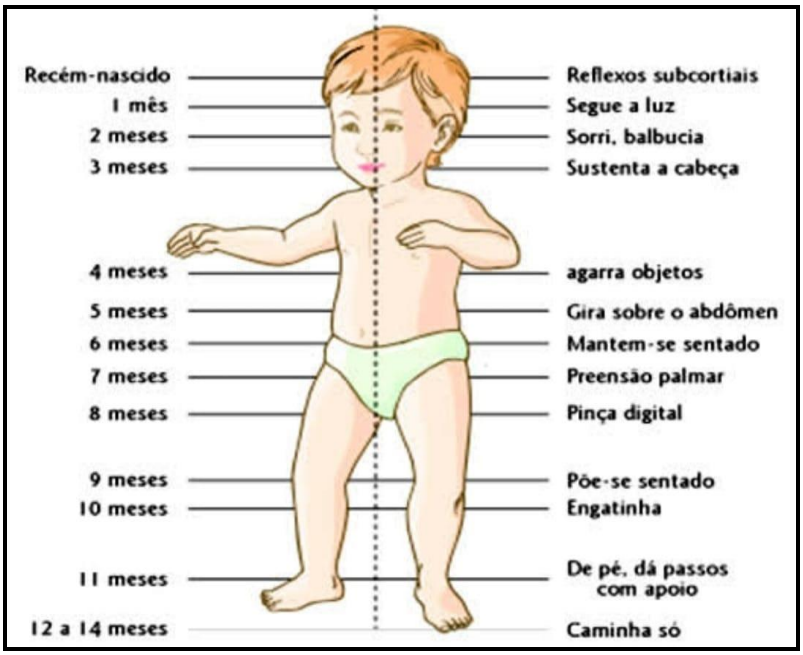
> A maioria dos dados disponíveis sobre aquisição de habilidades de movimento fundamental sugere que as crianças podem e devem estar no estágio proficiente em torno dos 5 ou 6 anos na maioria das habilidades fundamentais. As habilidades de manipulação que exigem acompanhamento visual e intercepção de objetos em movimento (pegar, rebater, volear) tendem a desenvolver-se um pouco mais tarde, pois apresentam exigências visuais e motoras sofisticadas.

Deste modo, percebe-se que, para a maturação no estágio proficiente, é necessário um pouco de influência do ambiente. A maioria das crianças necessita da combinação entre oportunidades de prática, estímulo e orientação, em um ambiente que promova aprendizado. Rosa Neto (2002 *apud* CUNHA, 2014, p. 19) cita que:

> Estudos sobre a motricidade infantil, em geral, são realizados com objetivo de conhecer melhor as crianças e de poder estabelecer instrumentos de confiança para avaliar, analisar e estudar o desenvolvimento de alunos em diferentes etapas evolutivas. As maneiras de avaliar o desenvolvimento motor de uma criança podem ser diferentes, no entanto, nenhuma é completa nem engloba holisticamente todos os aspectos do desenvolvimento.

Sobre o assunto, Carminato (2010 *apud* CUNHA, 2014, p. 19), argumentam que o "[...] desenvolvimento das habilidades específicas do ser humano e influenciado também pela prática, pela motivação e pela instrução, sendo que esses fatores também desempenham um importante papel no grau em que as habilidades se desenvolvem". Segundo Pereira (2012), no primeiro ano de vida, o bebê passa por diversas fases no desenvolvimento motor, conforme apresenta a figura a seguir.

Figura 3 – Desenvolvimento motor da criança (primeiro ano de vida)



Fonte: Pereira (2012).

A Figura 3 refere-se às mudanças que ocorrem no ciclo de vida do ser humano. O significado de crescimento físico é diferente de desenvolvimento. Sobre o assunto, Guedes (2011) salienta que o crescimento estabelece as progressivas transformações que ocorrem nas dimensões do corpo, portanto, é relacionado aos ganhos na estatura, peso, massa muscular e habilidades motoras. Já o desenvolvimento envolve o crescimento físico, a aquisição e mudanças da linguagem, mudanças na forma do pensar (do concreto ao abstrato), mudanças nas manifestações do afeto, mudanças nos padrões de interação social.

O desenvolvimento das habilidades motoras está relacionado a idade, embora não dependa dela, e são constituídas de estágios identificáveis de aquisição de habilidades motoras. Segundo Xavier (2018), o tempo para progressão do desenvolvimento motor varia de criança para criança, portanto, as idades são apenas referência, sendo que cada criança segue seu próprio ritmo de desenvolvimento.

Sobre o assunto, Figueiras *et al* (2005) organizou o “Manual para Vigilância do Desenvolvimento Infantil”, que traz um resumo do que é esperado para o desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos. No primeiro mês, o bebê desenvolve a audição e o paladar aguçado, reconhece a voz e o leite da mãe., permanece com a cabeça de lado e não tem controle cervical. Entre um e dois meses, o bebê responde ao sorriso, gosta de ficar em várias posições, segue os movimentos e olha para objetos coloridos.

O bebê de dois meses, de acordo com Figueiras *et al.* (2005, p. 28), é capaz de “fixar o olhar, seguir o objeto na linha média, reage ao som e eleva a cabeça”. No terceiro mês, ele passa a reconhecer texturas, consegue levar a mão e objetos à boca e começa a controlar os músculos do pescoço. Dos três aos quatros meses, o bebê é bem mais ativo, apresentando uma visão formada, conseguindo acompanhar quem o observa. Quando colocado de bruços, levanta a cabeça e os ombros.

Entre cinco e seis meses, a criança passa a virar a cabeça na direção de uma voz ou objeto sonoro. Também rola de lado, senta com apoio e leva os pés à boca e consegue balbuciar os seus primeiros sons. De sete a nove meses ele começa a gostar de brincar com a mãe e familiares, começa a estranhar pessoas de fora de seu convívio

diário e começa a ficar sentado sem apoio. Aos nove meses, ele começa a engatinhar e desenvolve o mecanismo de medo (FIGUEIRAS *et al*, 2005).

Entre dez e doze meses, o bebê consegue falar, ao menos, uma palavra com sentido e aponta para as coisas que quer. Também já é capaz de engatinhar ou anda com apoio, além de desenvolver a memória, se lembrando de coisas simples. Já entre treze e dezoito meses, a criança passa a comer sozinha e já se reconhece no espelho. O seu vocabulário aumenta e anda sozinho (FIGUEIRAS *et al*, 2005).

Entre dezenove meses e dois anos, a criança já anda com segurança. Com controle crescente na coordenação, corre e/ou sobe degraus baixos. Tem presente as movimentações acíclicas (anda, para, abaixa, senta, levanta e anda). Sobe com facilidade em cadeiras, sofás e camas, consegue abrir gavetas e escolher objetos. Repete tudo o que ouve e já consegue cantar músicas que gosta. Brinca com vários brinquedos e aceita a companhia de outras crianças, além de acontecer a soltura controlada nas mãos (FIGUEIRAS *et al*, 2005).

Aos dois anos, de acordo com Figueiras *et al* (2005, p. 28), a criança é capaz de “Tirar roupa, construir torre de 3 cubos, apontar para duas figuras e chutar bola”. De dois a três anos, a criança torna-se mais autônoma e ativo, sendo capaz de demonstrar suas alegrias, tristezas e raivas. Gosta de ouvir histórias e tem muitas perguntas. Diz seu nome e nomeia objetos como sendo seus, já consegue falar frases e a dentição se torna completa. Começa a usar colher e copo. Come e bebe sozinho, utiliza canudos, põe sapato. Conhece 6 partes do corpo, salta com os dois pés, corre, coordenando os passos e alternando os movimentos dos braços, pedala um triciclo e sobe escadas alternando os pés (FIGUEIRAS *et al*, 2005).

De três a quatro anos, a criança passa a querer aprender tudo e gosta de brincar com outras crianças. Reconhece formas, objetos e os representa desenhando. Conta histórias e imita gestos e falas dos adultos. Gosta da companhia de outras crianças. Já consegue apontar para dez partes do corpo, diferencia menino de menina, separa objetos por categoria, corta com tesoura (FIGUEIRAS *et al*, 2005).

De quatro a seis anos, a criança passa a ter noções espaciais e de tempo, como longe, perto, rápido, devagar. Gosta de ouvir histórias, ver livros, cantar. Corre e pula alternando os pés. Desce escadas alternando os pés, rosqueia objetos, salta em

um pé só, desenha figura humana com cabeça, tronco e membros. Para em um pé só, salta alternando os pés, salta para trás. Conta ou inventa pequenas histórias, começa a descobrir detalhes do corpo, a coordenação motora fica mais desenvolvida, as brincadeiras ficam mais complexas. Compreende limites e consegue trabalhar em grupo, tem a linguagem mais avançada, consegue conversar com adultos (FIGUEIRAS *et al*., 2005).

4.4 Funções psicomotoras básicas

De acordo com Le Boulch (1992 *apud* BARBIERI, 2019), a psicomotricidade se dá através de ações educativas de movimentos espontâneos e atitudes corporais da criança, proporcionando-lhe uma imagem do corpo e contribuindo para a formação de sua personalidade. Dessa forma, a estimulação da psicomotricidade deve ser feita de forma agradável, respeitando as etapas de desenvolvimento da criança, para que criança passe por uma fase de cada vez, sem pular etapas. A função motora, o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento afetivo na criança estão intimamente relacionados, sendo que a psicomotricidade quer, justamente, destacar a relação existente entre a motricidade, a mente e a afetividade, de modo a facilitar a abordagem global da criança.

Para Barbieri (2019), faz parte dos elementos psicomotores o: esquema corporal; equilíbrio; lateralidade; ritmo; a organização espaço-temporal; a Motricidade fina; a imagem corporal; tônus, e; coordenação global ou motricidade ampla. O Psicanalista francês, Ledoux (1991 *apud* SILVA, 2010, p. 85), apresenta a seguinte formulação sobre o esquema corporal:

> O esquema corporal especifica o indivíduo como representante da espécie. Mais ou menos idêntico em todas as crianças da mesma idade, ele é uma realidade de fato, esteio e intérprete da imagem do corpo. Graças a ele, o corpo atual fica referido no espaço à experiência imediata. Ele é inconsciente, pré-consciente e consciente.

Desta forma, segundo Silva (2010), pode-se considerar que o esquema corporal é determinado pela organização de estruturas cerebrais que permite ao indivíduo o

conhecimento progressivo das partes e funções do corpo e pela relação da pessoa com o meio físico e humano. De acordo com Ramos e Fernandes (2011), o corpo é a primeira forma de linguagem da criança, deste modo, a psicomotricidade também desenvolve as capacidades afetivas, cognitivas e motoras.

O esquema corporal, portanto, é um elemento básico para a formação da personalidade. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu corpo e de gerar as possibilidades de atuação sobre si mesmo, sobre o mundo exterior e sobre os objetos que o cerca. De acordo com Barbieri (2019), o esquema corporal se forma por si só, sendo ligada a integridade física e neurológica. Neste contexto, o equilíbrio pode ser entendido com a organização geral do corpo do indivíduo, em situações estáticas e dinâmicas, em função do meio externo e interno.

A lateralidade é o conhecimento dos lados do corpo, isto é, lado direito e lado esquerdo, sendo que cada indivíduo possui uma dominância lateral, que é a utilização predominante de um dos lados nos quatros segmentos corporais (olho, ouvido, mão e pé). Segundo Oliveira (1997, *apud* XISTO; BENETTI, p. 1828), “a lateralidade é a propensão que o ser humano possui de utilizar preferencialmente mais de um lado do corpo, em três níveis: mão, olho e pé”.

A lateralidade identifica não somente a preferência manual, mas a organização do conceito de esquerda e direita, determinando o uso de maior força, agilidade e precisão pelo membro determinado. De acordo com Saladini, Júnior e Reis (2010, p. 3), “a lateralidade corresponde a dados neurológicos, mas também é influenciado por hábitos sociais”. Deste modo, a lateralidade pode ser compreendida como a bússola do esquema corporal. Cabe salientar que existe a lateralidade homogênea, quando a criança é destra ou sinestra (canhota) de olho, mão e pé, e a lateralidade heterogênea, quando a criança for destra da mão e do olho e canhota do pé, ou de forma cruzada, canhota da mão e destra do pé.

O ritmo favorece a estabilidade do esquema corporal e auxilia no desenvolvimento da linguagem, auxiliando na compreensão do movimento e possibilitando o manejo de mobilidade e expressão. A organização espaço-temporal é a capacidade de orientar-se diante de um espaço físico e de perceber a relação de

proximidade de coisas entre si. Refere-se às relações de perto, longe, em cima, embaixo, dentro, fora, etc.

Ocupar os espaços com consciência corporal dessa utilização é a capacidade de relacionar ações a uma determinada dimensão de tempo. O tempo é muito importante para entendermos o que é manhã, tarde e noite, o que se faz de manhã e o que se faz a noite, como funciona o calendário as datas comemorativas e quanto tempo demora para se chegar a um lugar (noção de tempo). Essa noção vai sendo construída na criança ao longo do tempo dos primeiros anos de vida, para que ela esteja pronta, por volta dos seis anos, para a alfabetização e para o aprendizado formal.

A partir das noções sobre o seu próprio corpo, a criança progressivamente irá localizar os objetos em relação a si mesmos e depois entre eles no espaço. A estruturação espacial, segundo Oliveira (2018, p. 27) é “adquirida através de uma construção mental, em que o sujeito opera através de seus movimentos com relação aos objetos que estão à sua volta em estreita vinculação ao meio no qual está inserido”.

Crianças com dificuldades na percepção espacial tendem a se tornar dispersas em seu ambiente. Na escola, costumam confundir as letras na hora de escrever, como, por exemplo: o B e o D; o P e o Q. Dificuldades em estabelecer diferenças entre o antes e o depois são percebidas em crianças com distúrbios em sua orientação temporal e também espacial.

A organização e estruturação espacial apresenta-se à criança como exercícios em nível da experiência vivida e manipulação de conceitos espaciais, como direita, esquerda, atrás, na frente, entre, perto, longe, maior, menor. Já a manipulação motora fina refere-se às atividades de segurar objetos, que enfatizam o controle motor, a precisão e exatidão do movimento. Amarrar os sapatos, colorir, cortar com tesoura são exemplos de habilidades motoras fundamentais manipulativas finas. As atividades que estimulam a coordenação motora fina são mais refinadas, como recortes, desenhos e até mesmo amarrar os sapatos.

A tonicidade garante, por consequência, as atitudes, as posturas, as mímicas, as emoções, etc., de onde emergem todas as atividades motoras humanas. Os exercícios de motricidade fina são extremamente importantes, conforme salienta Batista (2006, p. 96):

> Os exercícios de motricidade fina são muito importantes para a criança, na medida em que educam o gesto requerido para a escrita, evitando a pressão inadequada que tanto prejudicam o grafismo, tornando o ato de escrever uma experiência eversiva à criança.

Na coordenação global, ou motricidade ampla, há a utilização de diversos grupos musculares na execução de movimentos amplamente complexos e voluntários, sempre de forma simultânea, o que requer muitos movimentos ao mesmo tempo. Segundo Lobo e Vega (2008 *apud* SOUZA, 2018, p. 81), “estas experimentações fazem com que o indivíduo tanto seja capaz de adquirir dissociação de movimentos, quando realizá-los simultaneamente, podendo haver uma conservação de unidade gestual”.

A imagem corporal se forma através do outro, não pode ser medida ou quantificada, sendo um produto do inconsciente. Para Ledoux (1991, p. 84-85 *apud* SILVA, 2010):

> Imagem inconsciente do corpo não é o corpo fantasiado, mas um lugar inconsciente de emissão e recepção das emoções, inicialmente focalizado nas zonas erógenas de prazer. Ela se tece em torno do prazer e do desprazer de algumas zonas erógenas. [...] trata-se de uma memória inconsciente da vivência relacional, de uma encarnação do Eu em crescimento. [...] a imagem do corpo, individual, está ligada à história pessoal, a uma relação libidinal marcada por sensações erógenas seletivas. Como vestígio estrutural da história emocional, e não como prolongamento psíquico do esquema corporal, ela se molda como elaboração das emoções precoces com os pais tutelares.

Portanto, a imagem corporal é a figuração do próprio corpo, isto é, o modo como o indivíduo se relaciona consigo mesmo, por meio da compreensão sobre o seu corpo, suas necessidades, pensamentos e sentimentos. Ela vem permeada por fatores emocionais, como a forma que a pessoa vê o seu corpo, um processo pessoal e intransferível.

Segundo Le Boulch (1981 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 02), o esquema corporal é separado em etapas. As etapas da estruturação do esquema corporal são: corpo vivido, corpo percebido (discriminação perceptiva) e corpo representado. Le Boulch (1983, p. 37 *apud* OLIVEIRA *et al*, 2014, p. 01), coloca que:

> “O esquema corporal pode ser considerado como uma intuição de conjunto ou um conhecimento imediato que temos de nosso corpo em posição estática ou em movimento, na relação de suas diferentes partes entre si e, sobretudo nas relações com o espaço e os objetos que nos circundam”.

De acordo com Le Boulch (1987 *apud* BARBIERI, 2019), por meio desta habilidade motora, ocorrem sensações que a criança estabelece entre o seu próprio corpo, associadas às informações do mundo exterior, tornando-se o ponto de partida de diferentes pontos de ações. Representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua maturidade, não correspondendo só a uma função, mas sim a um conjunto funcional, cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento.

A seguir, temos descrito sobre cada etapa do esquema corporal, segundo traz de Oliveira *et al* (2014). O aprofundamento teórico será mais detalhado dentro das etapas que envolvem a educação infantil, que são corpo vivido e o corpo percebido ou descoberto.

A primeira etapa, corpo vivido, que vai até 3 anos de idade, corresponde à fase de inteligência sensório-motora de Piaget. Segundo Le Boulch (1981 *apud* OLIVEIRA *et al*, 2014, p. 02), o “bebê sente o meio ambiente como fazendo parte dele mesmo. Com um maior amadurecimento de seu sistema nervoso, vai ampliando suas experiências e passa, pouco a pouco a diferenciar de seu meio ambiente”.

A criança procede por ensaios/erros, sendo que a imitação do adulto desempenha um papel importante. Aos três anos, o esqueleto de um “eu”, conquistado pela experiência da práxis global e pela relação com o adulto, está constituído. Nesse período, a criança tem uma necessidade muito grande de movimentação e, através desta, vai enriquecendo a experiência subjetiva de seu corpo e ampliando a sua experiência motora.

A segunda etapa, é a do corpo percebido ou descoberto, indo dos três até os sete anos de idade, corresponde ao esquema corporal devido a "função de interiorização". É a possibilidade de deslocar sua atenção do meio ambiente para seu próprio corpo, a fim de levar à tomada de consciência. Na terceira etapa, que é a do corpo representado, que vai dos sete aos 12 anos, observa-se a estruturação do

esquema corporal. A criança já apresenta a noção do todo e das partes de seu corpo, através da representação mental da imagem do corpo.

A criança só dispõe de uma imagem mental do corpo em movimento a partir de dez/doze anos, significando que atingiu uma representação mental de uma sucessão motora, com a introdução do fator temporal.

4.5 Desenvolvimento psicomotor

Na fase do desenvolvimento psicomotor, o bebê aumenta a sua capacidade de realizar funções cognitivas e motoras. Os movimentos infantis são um tanto quanto desorientados, mas a contínua resposta do ambiente ao movimento infantil permite que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas. Essa é fase que possui maior participação de elementos do arco-reflexos.

Para Shaffer e Kipp (2007, *apud* MASERA, s.d), o desenvolvimento é uma continuidade de mudanças muito bem organizadas no sujeito, que ocorre desde a sua concepção até a morte, ou seja, uma pessoa, até o momento em que viver, está se desenvolvendo. Segundo Piaget (2004, p. 68 *apud* OLIVEIRA; SILVA; SANTOS, 2020, p. 1432):

> A criança se adapta ao mundo de forma cada vez mais satisfatória. O processo de adaptação ocorre por meio de sub processos: esquemas (ações mentais ou físicas), assimilação (absorver algum evento ou experiência em algum esquema), acomodação (modificar o esquema a partir das novas informações absorvidas pela assimilação) e equilibração (criança luta por coerência tentando entender o mundo em sua totalidade).

Todos esses aspectos requerem equilíbrio psíquico, motor e, também, domínio físico e domínio dos aspectos afetivos e sociais, para que a criança consiga se desenvolver plenamente. Desta maneira, será apresentado a seguir, alguns objetivos de cada parte do desenvolvimento.

Sobre os objetivos do desenvolvimento afetivo, segundo Wallon (2003 *apud* KOCHHANN; ROCHA, 2015), esse desenvolvimento acontece a partir das primeiras interações com o meio humano, por meio das emoções, que aos poucos dão lugar aos

sentimentos e, depois, para as atividades intelectuais. Assim, o objetivo do desenvolvimento afetivo não é somente que a criança se sinta feliz, mas que desenvolva um autoconceito positivo e estável, bem como o respeito pelos direitos e ideias pessoais, formando uma visão real das diferenças individuais que orienta a criança na aprendizagem por problemas.

Sobre os objetivos do desenvolvimento motor, pode-se dizer que são a evolução dos movimentos fundamentais, melhoria da coordenação, ampliação do nível de aptidão motora e geração de uma consciência corporal, bem como suas potencialidades. Em relação ao desenvolvimento cognitivo, de acordo com Lopes *et al.* (2010), ele envolve todo o conhecimento da criança, ou seja, é tudo que a criança vai aprender. Com isso, este aspecto é um pouco mais complexo que os demais, embora esteja interligado a eles.

A cognição pode ser definida como o ato que consiste em processar as informações. O processo cognitivo tem início nos reflexos do recém-nascido, como o de sorrir ao estímulo sonoro, quando alguém conversa com ela. Aos três meses, o bebê passa a entender que está sorrindo para o estimulo de determinada pessoa. Com seis meses, o bebê, na maioria das vezes, acha tudo divertido, dando gargalhadas. Nesse período, o bebê já vê a mãe como alguém diferente dele. Aos sete meses, o balbuciar do bebê passa a ser nitidamente tentativas de palavras (LOPES *et al.*, 2010).

Segundo Kaplan (1997 *apud* LOPES *et al*, 2010, p.7), “os bebês são capazes de emitir ruídos, como choro, mas não vocalizam até cerca de 8 semanas. Os sons guturais ou balbucios em resposta à mãe ocorrem espontaneamente”. Assim, a evolução da vocalização da criança depende do esforço e incentivo das pessoas ao seu redor, por isso, é importante conversar com os bebês, dizendo todas as palavras corretamente.

Também se mostra necessário auxiliar a criança a desenvolver um pensamento questionador, encorajando-a na solução de problemas, despertando-a para os desafios intelectuais e estimulando-a na aprendizagem de conceitos essenciais. A função dessa habilidade é o de perceber, integrar, compreender e responder adequadamente a todos os estímulos do ambiente de uma pessoa. Vale ressaltar que isso leva a criança a pensar e a avaliar como e o que fazer para cumprir uma tarefa ou uma atividade social.

Todo esse processo está ligado com os fundamentos e pressupostos da psicomotricidade. Cabem aos profissionais educadores, psicólogos e psicopedagogos, criar e mediar às situações propícias para que a criança se desenvolva plenamente. Ao compreender que o ser humano em sua totalidade, não se prioriza mais um aspecto (físico, cognitivo, social) em detrimento do outro.

Segundo JOSÉ & COELHO (2000 *apud* GROSS, s.d), durante a vida, toda a visão que a pessoa tem de si mesma tem grande influência de sua percepção do próprio corpo e suas propriedades, da força da liberdade no desempenho de atividades físicas e motoras. Portanto, as atividades motoras têm um papel fundamental nas iniciativas intelectuais do homem.

Nesse sentido, Barbieri (2019) ressalta que a psicomotricidade contribui para o desenvolvimento do esquema corporal e dominância lateral. O despertar a si próprio, o acesso a noção de espaço e o acesso a noção de tempo. Nestes princípios estão estabelecidas as bases da educação psicomotora, que deve englobar diversas atividades oferecidas às crianças de forma sequencial observando a etapa de desenvolvimento em que elas se encontram.

4.6 As fases de evolução do desenho infantil

Na pré-história, o desenho surgiu como forma de as pessoas se comunicarem, facilitando o desenvolvimento de uma linguagem falada e escrita. Sobre o assunto, Fonseca (2011, p. 12) argumenta que:

> Nas cavernas ficaram gravados, por meio de desenhos, os hábitos e experiências dos primitivos “homens das cavernas”, que usavam as pinturas rupestres como forma de se expressar e comunicar antes mesmo que consolidasse uma linguagem verbal.

Ao longo dos séculos, o desenho passou a ser utilizado de formas diferentes, sendo o precursor da linguagem escrita, da fotografia, do cinema e até mesmo das representações cartográficas. Em nosso cotidiano, o desenho costuma ser apresentado para as crianças como um passatempo, o momento para criar sua “obra de arte”.

Seja em casa ou na escola, uma folha em branco e materiais como lápis de cor, giz de cera e tinta guache sempre irá incentivar a criança a pensar em como poderá utilizar para expressar seus sentimentos, pensamentos, vontades, opiniões, sobre aspectos da sua vida e relação com familiares ou pessoas próximas. Segundo Possa e Vargas (2014), os desenhos, além de proporcionar a possibilidade de expressar-se, ajuda muito no desenvolvimento cognitivo e também emocional da criança.

O desenho envolve o pensamento imaginativo, sendo que esse momento é de fundamental importância para a criança. Para os professores e pais, deveria significar um momento de festa. Isto porque, em nível perceptual, a criança está celebrando a descoberta da consciência do Eu. Seria como pensar que este desenho sou eu. Trata-se da primeira tentativa de representar o mundo real.

No ambiente familiar e na escola, é possível estimular o desenvolvimento da psicomotricidade através de atividades lúdicas e, aos poucos, a criança irá se desenvolver cada vez mais, tendo noção de seu próprio corpo que irá progredir gradativamente. Uma maneira de observar a progressão no desenvolvimento é por meio do papel com os desenhos.

No décimo mês de vida, o bebê já apresenta uma progressão na coordenação das mãos, sendo que, “a preensão é como pinça (utilizando o polegar e o indicador), e já troca objetos de uma mão para outra” (CARVALHO, 2011, p. 48). É na primeira infância que a criança desenvolve a sua psicomotricidade fina e, aos poucos, ela cria desenhos mais firmes e com mais detalhes. É necessário lembrar sempre que a educação e a aprendizagem são unidas uma à outra e precisam ser trabalhados, pois, se alguma fase do desenvolvimento passar despercebido durante a infância e na fase escolar, isso irá gerar sérios problemas no futuro.

Segundo Pillar (2012, p. 25), antes de escrever, a criança desenha, e:

> Apesar de interagirem um com o outro, desenho e escrita são modos distintos de representar os objetos. O desenho está muito mais próximo dos aspectos figurativos da realidade e do símbolo, enquanto a escrita está próxima dos aspectos operativos, não diretamente ligados às configurações dos objetos, mas às suas transformações, dos signos e sinais que são arbitrários.

É muito importante que os alfabetizadores conheçam a estreita relação que existe entre a linguagem escrita e a linguagem do desenho, sendo ambas expressões do pensamento simbólico. Quando a criança inicia o seu processo da escrita, ou de pré-escrita, passa por um período de transição, no qual o desenho, que anteriormente constituía-se em um registro autônomo, passa a ser gradualmente associado a letras, palavras ou frases, num conjunto integrado de significações. Assim, no início, desenho e escrita são analogamente sinais, riscos sobre o papel que, aos poucos, vão se diferenciando até se constituírem em linguagens autônomas. Entretanto, na etapa intermediária, a criança poderá apoiar uma palavra a um desenho para garantir o sucesso de sua comunicação, pois o texto ainda não possui autonomia semântica, necessitando de uma representação icônica (desenho) como suporte.

Segundo Piaget (1976 *apud* BOMBONATO; FARAGO, 2016), a criança em seu primeiro período de vida desenha por prazer, a figura humana ainda não tem valor, é inexistente em seus desenhos e, em relação às cores, a criança só se interessa pelo contraste. A evolução nos desenhos passa por cinco fases, que correspondem a suas etapas do desenvolvimento infantil. As fases que serão apresentadas a seguir são somente as que estão presentes na Educação Infantil, sendo: Garatuja (desordenada e ordenada) e Pré-esquematismo.

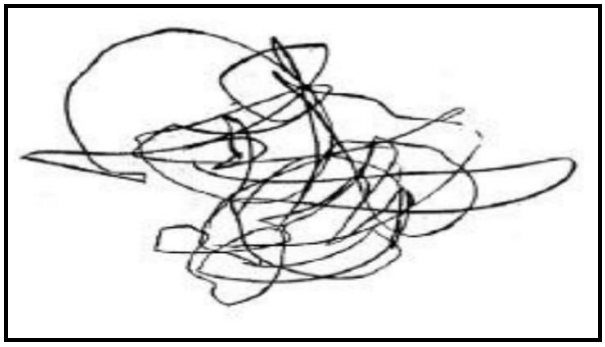
4.6.1 Fase da garatuja

A Garatuja é a primeira entre as cinco fases, e passa por: Garatuja desordenada e Garatuja Ordenada. Segundo Alexandroff (2010), nessa fase, o que a criança diz que vai desenhar não tem relação fixa com a realidade. As garatujas que no cotidiano chamamos de “rabiscos” é novidade para a criança, sendo que ela se diverte ao perceber que ao agarrar o lápis com sua mão e passar sobre um papel em branco, ficará um sinal marcado.

Os primeiros traçados da criança sobre o papel são muito importantes para o seu desenvolvimento, pois, a partir deste momento, além da criança começar a se expressar por meio destes traços, também irá começar a aprimorar o seu

desenvolvimento motor aos poucos, de acordo com sua fase de desenvolvimento. Isso conduzirá a criança a começar a desenhar, pintar e irá auxiliar no processo da escrita.

Figura 4– Garatuja Desordenada

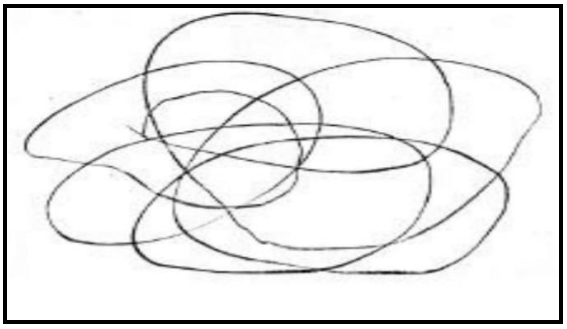


Fonte: Lopes (2001, p. 41 *apud* BOMBONATO; FARAGO, 2016).

Segundo Bombonato e Farago (2016), as garatujas desordenadas são simples traços feitos pela criança, rabiscos em que as linhas seguem para todas as direções. Nessa fase, a criança não planeja o que quer desenhar, já que ela ainda não tem o total controle de seus movimentos, encontrando-se no processo inicial de aprendizado, segurando o lápis de diversas formas e nem sempre olha para o papel para desenhar, não tendo noção do espaço.

A etapa da garatuja desordenada, de acordo com Bombonato e Farago (2016), envolve a motricidade ampla, em que a criança desenha com todo o corpo com liberdade total do movimento. Não há controle aparente e não há representação, ao passo que rabiscos que expressam movimentos aleatórios e espontâneos.

Figura 5– Garatuja Ordenada



Fonte: Lopes (2001, p. 41 *apud* BOMBONATO; FARAGO, 2016).

Na fase da garatuja ordenada, a criança se entusiasma, pois consegue perceber a relação entre seus gestos e os traços que formam no papel e já realiza traços em formas circulares e longitudinais. Ela passa a olhar o que faz e se preocupa com o formato de cada desenho e em qual parte do papel irá desenhar. A criança desenha de acordo com a sua imaginação, seguindo o que ela pensa de determinado objeto, porém, ainda não é uma representação semelhante ao real e sim associado à sua imagem mental.

Um simples traçado para a criança pode ser tornar diversas coisas, por exemplo: um avião, um passarinho ou até representar o desenho da mãe ou de algum familiar. A etapa da garatuja ordenada envolve uma tentativa de controle, sendo que os movimentos são ordenados (vai-e-vem) e o impulso é a partir da articulação do cotovelo.

4.6.2 Fase pré-esquemática

A segunda fase, segundo Piaget (1976 *apud* BOMBONATO; FARAGO, 2016), é a etapa pré-esquemática (pré-operatória), que faz relações entre desenho, pensamento e realidade. Neste momento, começam a surgir os primeiros desenhos representativos mais próximos à realidade. Ao desenhar a figura humana, surgem as representações de “cabeça-pés”, porém, a criança, em seus primeiros traçados, vai apresentar uma falta de proporção no tamanho.

Ao desenhar uma pessoa, por exemplo, ela pode desenhar a cabeça grande e o corpo pequeno. Ela pode encher uma folha com repetições deste desenho. As descobertas da criança nesta etapa partem de suas emoções, onde começa a utilizar o desenho como expressão do próprio pensamento, por isso, os seus desenhos são muitas vezes expressos através de tamanhos exagerados e desproporções.

Para Brittain e Lowenfeld (1977 *apud* AMORIM; CLARO, 2017), essa etapa ocorre entre quatro e seis anos, sendo que as crianças desenham a si próprias ou tem como ponto de referência na sua existência. Por isso, alguns autores dizem que nessa fase a criança desenha de forma egocêntrica, sendo que ela se considera o centro do seu universo.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

5.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa pode se ver como qualitativa, a qual tem por objetivo verificar a contribuição da psicomotricidade, nas etapas do desenvolvimento motor, na fase da Educação Infantil. Também pode ser definida como uma pesquisa bibliográfica, uma vez que utilizou, para o embasamento teórico, dados bibliográficos.

Segundo Goldenberg (1997 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. Portanto, esse tipo de pesquisa é descritivo, não se preocupando com a quantidade em si, mas sim com uma compreensão maior. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral da questão, abrindo espaço para a interpretação.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), as pesquisas realizadas com o método qualitativo buscam explicar o porquê das coisas, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é ao mesmo tempo sujeito e o objeto de suas pesquisas. Para Minayo (2001 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32):

> A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação.

Desta forma, a pesquisa qualitativa não se preocupa com resultados numéricos, e sim com a compreensão e organização. Esse tipo de pesquisa auxilia a aprimorar as ideias, fundamentando o assunto proposto na pesquisa. Para esse tipo de pesquisa, é necessário realizar um levantamento bibliográfico em diversas fontes, para assim encontrar obras confiáveis e atualizadas. A pesquisa bibliográfica deve ser desenvolvida através de livros e artigos científicos, durante a pesquisa é muito importante que se verifique a veracidade dos dados encontrados, observando se as obras apresentam alguma contradição.

5.2 Pesquisa Bibliográfica

Para Gil (2002 *apud* SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 66), a pesquisa bibliográfica "[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Para isso, temos que inicialmente realizar uma pesquisa de obras já existentes sobre o tema, para assim auxiliar no processo de pesquisa e na contextualização do objetivo.

Segundo Macedo (1994, p. 13 - 14), "a pesquisa bibliográfica precisa ser subsidiada por um planejamento de trabalho e pela adoção de critérios para facilitar, posteriormente, a redação da monografia". A autora define a pesquisa bibliográfica como um planejamento global-inicial de qualquer trabalho de pesquisa, o qual envolve uma série de procedimentos metodológicos, configurados em etapas de trabalho. Então primeiramente é necessário obter documentos pertinentes ao tema, em seguida organizar os temas e subtemas do trabalho e esquematizar os descritores para servir de guia na fase de anotações dos dados de leitura, são importantes sempre transcrever um resumo das leituras realizadas, para desta forma enriquecer o levantamento de dados e dar início a monografia com o subsidio dos resumos realizados.

5 DISCUSSÃO

Por meio desta pesquisa, pode-se perceber que, quanto mais cedo ocorrem os estímulos para as atividades psicomotoras, maiores serão as contribuições para o desenvolvimento motor das crianças. Em relação ao que foi visto sobre a psicomotricidade, destaca-se a sua importância na Educação Infantil como meio de auxiliar no desenvolvimento psicomotor, sendo a base para a aquisição das novas aprendizagens, dentro e fora da escola.

Sobre o assunto Catunda (2005, p.18 *apud* CUNHA, 2014, p. 44) argumenta que "[...] brincar é capaz de apresentar, de maneira resumida como ferramenta competente, vias para o desenvolvimento dos aspectos da formação do humano, como a cognição, afetividade, amadurecimento psicológico e motricidade".

Os estudos analisados mostraram a importância das brincadeiras no processo de desenvolvimento desde a Educação Infantil. Assim, quando a criança brinca, a mesma desenvolve diversas áreas do conhecimento, além de aprimorar as habilidades motoras de maneira prazerosa, por meio de atividades que envolvam o esquema e a imagem corporal, a lateralidade e as relações temporais e espaciais.

Martins (1998 *apud* BATISTA, 2006, p. 65) cita que "a primeira relação com a aprendizagem é justamente o fato de a criança aprender a brincar, o fato de a brincadeira estar intimamente ligada à comunicação com outros indivíduos e ao contato com suas próprias emoções". Assim, é necessário garantir uma boa aprendizagem utilizando-se de elementos que promovam a psicomotricidade, possibilitando um melhor conhecimento do seu corpo, a exploração e a expansão dos seus movimentos psicomotores, seu corpo e do meio à sua volta.

Portanto, ao utilizar as brincadeiras como um meio concreto para a aprendizagem, o processo de desenvolvimento se torna mais significativo e contextualizado. Viu-se também o processo de desenvolvimento da criança por meio dos seus desenhos, pois, em cada estágio, ela vai adquirindo muitas aprendizagens. Neste sentido, é possível afirmar que a infância é o período mais importante para o desenvolvimento do indivíduo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim, é possível dizer que a presente pesquisa conseguiu atingir seu objetivo geral de verificar a contribuição da psicomotricidade, nas etapas do desenvolvimento motor, na Educação Infantil. Percebeu-se que a psicomotricidade contribui de maneira expressiva para o bom desenvolvimento e formação do esquema corporal e dos demais elementos psicomotores na Educação Infantil.

Na Educação Infantil, a psicomotricidade visa favorecer e contribuir para cada etapa do desenvolvimento motor. A ludicidade é um caminho a ser trilhado, procurando envolver jogos e atividades que irão ajudar na aprendizagem. As atividades psicomotoras são essenciais para toda a vida, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem, já que diversas atividades lúdicas envolvem, em determinado nível, habilidades psicomotoras, a exemplo do desenho, que se inicia com rabiscos e, aos poucos vão transformando traços firmes e com mais detalhes, sendo que todo esse processo é responsável por auxiliar a criança a desenvolver a habilidade de escrita.

Por isso, é fundamental proporcionar às crianças um espaço de desafios,que ofereça a oportunidade para desenvolver suas capacidades. Para que isso aconteça efetivamente, é importante que os professores tenham acesso à formação continuada em busca de capacitação para realizarem atividades que estimulem as funções psicomotoras de cada idade. Desta forma, é possível concluir que a psicomotricidade na Educação Infantil contribui de forma efetiva e integral para o desenvolvimento da criança, seja na questão cognitiva ou motora, sendo possível aplicá-la por meio de atividades lúdicas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Const. psicopedag.** São Paulo, v. 18, n. 17, dez.2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200003. Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

AMORIM, Ana Patrícia de Oliveira; CLARO, Ana Lúcia de Araújo. A Contribuição do desenho no desenvolvimento da criança na educação infantil: uma análise teórica. **EDUCERE- Revista da Educação**. Faculdade IESM. Timon- MA, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23964_11765.pdf. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

ARANHA, Mauricleide Leandro. **A Importância da Ludicidade e da Psicomotricidade para a Educação Infantil**. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) Graduação em Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba. Jõao Pessoa- PB. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1770/1/MLA12122016. Acesso em: 14 de abril de 2021.

BARBIERI, Fernanda. Psicomotricidade na Educação Infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 03, Vol. 11, p. 05-27. março de 2019. Disponível em:https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/psicomotricidade-na-educacao. Acesso em: 16 de abril de 2021.

BATISTA, Nielson Rafael. Psicomotricidade na Educação Infantil. **Revista digital**. Buenos Aires- nº 188, janeiro de 2014. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd188/psicomotricidade-na-educacao-infantil.htm. Acesso em: 16 de abril de 2021.

BATISTA, Sandra Silva. **Psicomotricidade:** reflexos no ensino e aprendizagem. 117 folhas. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) Graduação em Pedagogia. Centro Universitário de Brasília- UniCEUB. Brasília, DF. 2006. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/187131229.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

BOMBONATO, Giseli Aparecida; FARAGO, Alessandra Corrêa. As etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro-SP, 3 (1): p. 171-195, 2016. Disponível em: https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/30042016104546.pdf. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a base. Ministério da Educação. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf .Acesso em: 10 de maio de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 de abril de 2021.

BRASIL, **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente – ECA.** Brasília, DF. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 14 de abril de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Secretaria da Educação Fundamental (SEF). **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1v. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília, DF. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 de abril de 2021.

BRASIL. **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 5** -Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília- DF. 2009. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

CARVALHO, Monica Vieira Portugal de**. O desenvolvimento motor normal da criança de 0 à 1 ano:** orientações para pais e cuidadores.2011. 72 folhas. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Saúde e Meio ambiente) - UniFOA, Volta Redonda. 2011. Disponível em: https://sites.unifoa.edu.br/portal_ensino/mestrado/mecsma/arquivos/37.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

CASTILHO, Vanessa Maria Redígolo. **Avaliação:** Concepções teóricas e práticas no cotidiano da educação infantil e suas implicações. 2016. 242 folhas. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - FCT/UNESP, Presidente Prudente. 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144624/castilho_vmr_me_prud.pdf?sequence=5 . Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

CUNHA, Francisco da Silva. **A educação motora na educação infantil:** a atuação docente. 65 p. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Licenciatura em Educação física. Faculdade de Educação Física a distância da Universidade de Brasília FEF EAD/UNB. Barra do Bugres - MT, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9560/1/2014_FranciscoDaSilvaCunha.pdf. Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

FIGUEIRAS, Amira Consuelo et al. **Manual para a vigilância do desenvolvimento infantil no contexto da AIDPI**. Organização Pan- Americana da Saúde. OPAS, 2005.

Disponível em: https://ftp.medicina.ufmg.br/ped/Arquivos/2013/si_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

FONSECA, Sandra. **A importância da arte gráfica (desenho) como suporte na intervenção psicopedagógica**. 41 folhas. (Monografia à universidade Candido Mendes). Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200809.pdf. Acesso em: 16 de janeiro de 2022.

GALLAHUE, David L; OZMUN, John C; GOODWAY, Jacqueline D. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. São Paulo: AMGH Editora, 2013. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Compreendendo_o_Desenvolvimento_Motor_7e/R6xIAgAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover . Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Crescimento e desenvolvimento aplicado à educação física e ao esporte**. Rev. Bras. Educ. fís. Esporte,** Londrina-PR, maio. 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbefe/a/6Z8tVthS7tRKsYFWwGrctjQ/?lang=pt. Acesso em: 13 de janeiro de 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 01 de junho de 2021.

GOZZI, Cinara L. Z; CHEMELLO, Eliane M. MAURINA, Vanessa C. **Contribuições da psicomotricidade na escola**. São Marcos, 2018. Disponível em: https://www.webartigos.com/artigos/contribuicoes-da-psicomotricidade-nas-dificuldades-de-aprendizagem/159814 . Acesso em: 14 de abril de 2021.

GROSS, Helena. **Psicomotricidade:** identificando novos paradigmas e sua colaboração no processo de desenvolvimento infantil. s.d. Disponível em: https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/psicomotricidade-identificando-novos-paradigmas-sua-colaboracao.htm**.** Acesso em: 15 de abril de 2021.

HOLDERBAUM, Guilherme Garcia. Habilidades motoras rudimentares na infância. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 17, n. 173, outubro. 2012. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd173/habilidades-motoras-rudimentares-na-infancia.htm. Acesso em: 13 de dezembro de 2021.

KENDZIERSKI, Mariana. **Friederich Froebel e os jardins- de- infância.** (Aluna do curso de pós-graduação- Ed. Infantil). UNICENTRO, 2012. Disponível em: https://anais.unicentro.br/flicenciaturas/pdf/iiv2n1/104.pdf. Acesso em: 07 de dezembro de 2021.

KOCHHANN, Andréa; ROCHA, Vanessa Amélia da silva. **A Afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. UEG-Campus Inhumas, 2015. Disponível em: file:///D:/Downloads/5567-Texto%20do%20artigo-16207-1-10-20160112%20(1).pdf. Acesso em: 16 de dezembro de 2021.

LIMA, Priscila Saraiva**. A Amizade em crianças da Educação Infantil e as relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar**. 68 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Monografia) Graduação em Pedagogia. Universidade Estadual Paulista-UNESP. Bauru, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119655/lima_ps_tcc_bauru.pdf. Acesso em: 16 de abril de 2021.

LOPES, Regina Maria Fernandes et al. **Desenvolvimento Cognitivo e motor das crianças de zero a quinze meses:** um estudo de revisão. PUC-RS, 2010. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0529.pdf. Acesso em: 18 de dezembro de 2021.

LUSSAC, Ricardo Martins Porto. Psicomotricidade: história, desenvolvimento, conceitos, definições e intervenção profissional. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 13, n. 126, novembro. 2008. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd126/psicomotricidade-historia-e-intervencao-profissional.htm. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

MACEDO, Neusa Dias de. Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. **Ed. Revista**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=2z0A3cc6oUEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=pesquisa+bibliogr%C3%A1fica+metodologia&ots=SD0p2hBwKF&sig=uGV5JEXr3Skm_UmW0xhJWYylQFg#v=onepage&q=pesquisa%20bibliogr%C3%A1fica%20metodologia&f=false. Acesso em: 07 de novembro de 2021.

MARQUES, Inara. **Padrão fundamental de movimento:** uma análise universal ou contextual. 189 p. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 1995. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepedam/prod_cientifica/teses_dissert/td14.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

MARQUES, T. S. et al. Desenvolvimento motor: padrões motores fundamentais de movimento em crianças de 4 e 5 anos de idade. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 18, n. 186, novembro. 2013. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd186/padroes-motores-fundamentais-de-movimento.htm. Acesso em: 16 de abril de 2021.

MASERA, Tatiana Costa. **Desenvolvimento Infantil de Zero a Três anos**. Disponível em: https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/desenvolvimento-infantil-de-zero-tres-anos.htm. Acesso em: 16 de abril de 2021.

NAZARIO, Patrik Felipe; ARINS, Gabriel Claudino Budal; KURZ, Guilherme Henrique. Desenvolvimento Motor e os movimentos reflexos. Revisão de literatura. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 16, n. 158, julho. 2011. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd158/desenvolvimento-motor-e-os-movimentos-reflexos.htm. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

OLIVEIRA, Glênio Vinícius de Souza. **Atividades de equilíbrio e habilidades motoras para crianças:** uma abordagem futebolística. 89 folhas. UNOPAR. Londrina, 2018. Disponível em: http://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/15565/1/GL%C3%8ANIO%20VIN%C3%8DCIUS%20DE%20SOUZA%20OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

OLIVEIRA, Leonardo Ferreira et al. **O esquema corporal no desenvolvimento da criança: um breve estudo.** 8° Fórum FEPEG, da Universidade Estadual de Montes Claros, 2014. Disponível em: http://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/o_esquema_corporal_sem_autores.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2021.

OLIVEIRA, Keide Tavares Silva; SILVA, Maria Aparecida Tavares; SANTOS, Priscila Aurelina: **A educação infantil e os estágios de desenvolvimento**: Um artigo original. Anais do 3° Simpósio de TCC, das faculdades FINOM e Tecsoma. 2020; 1426-1442. Disponível em: https://finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/202102191402199.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2021.

PATEL, Viviane Pessoa Padilha; KRENKEL, Scheila; LARANGEIRA, Eduardo Cartier. **Psicomotricidade.** Indaial: Uniasselvi, 2012. Disponível em: https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=10739. Acesso em: 17 de abril de 2021.

PEREIRA, Roberta. **O desenvolvimento motor da criança**. Disponível em: http://fonoaudiologarj.blogspot.com/2012/09/o-desenvolvimento-motor-da-crianca.html. **.** Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho e escrita como sistemas de representação**. 2. Ed. ver ampl- Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2012. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Desenho_e_escrita_como_sistemas_de_repre/F34FSpb5XHQC?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover. Acesso em: 16 de janeiro de 2022.

PINHEIRO, Eliane Medeiros. **Estimulando o aprendizado:** A contribuição do lúdico. (Monografia). 39 folhas. Niterói, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n203753.pdf. Acesso em: 17 de abril de 2021.

POSSA, Karine; VARGAS, Alessandra Cardoso. O desenho na Educação Infantil. Linguagem e expressão da subjetividade. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 19, n. 193, junho, 2014. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd193/desenho-na-educacao-infantil.htm. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

RAMOS, Camila Siara; FERNANDES, Marcela de Melo. A importância de desenvolver a psicomotricidade na infância. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 15, n. 153, fevereiro, 2011. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd153/a-importancia-a-psicomotricidade-na-infancia.htm#:~:text=O%20corpo%20%C3%A9%20considerado%20a,capacidades%20afetivas%2C%20cognitivas%20e%20motoras. Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

RIBEIRO, Bruna Caroline. **A Educação Infantil e sua trajetória na assistência e no assistencialismo**. MEPEC, V. 02, 2017. Disponível em: file:///D:/Downloads/admin,+157-161.pdf. Acesso em: 08 de janeiro de 2022.

SALADINI, Ana Claudia; JÚNIOR, Orlando Mendes Fogaça; REIS, Pedro Ferreira. **Saberes sobre o conteúdo dominância lateral:** contribuições para a educação física. Tese. 2010. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/PedroFerreiraReis-final.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

SILVA, Daniel Vieira da. **Psicomotricidade.** 52 p. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2010.

SOBRAL, Suzana Santiago; RIBEIRO, Sônia Inês Sanches. **A Importância do brincar na Educação Infantil- a perspectiva de Piaget, Vygotsky e Kishimoto**. Editora Realize.2019. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID5921_19052019094030.pdf. Acesso em: 18 de abril de 2021.

SOUZA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83. 2021. Disponível em: file:///D:/Downloads/2336-8432-1-PB.pdf. Acesso em: 07 de novembro de 2021.

SOUZA, Marcos L. **Práticas lúdicas na Educação Infantil**. 98 páginas. Editora Clube de autores, 2018. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Pr%C3%A1ticas_L%C3%BAdicas_Na_Educ%C3%A7%C3%A3o_Infanti/I8d5DwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

TEIXEIRA, Hugo Martins. Análise das habilidades motoras fundamentais de escolares da rede pública municipal de Araguaína, TO, Brasil. **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 17, n. 167, abril. 2012. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd167/habilidades-motoras-fundamentais-de-escolares.htm. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

WRASSE, Carlos Laércio. A psicomotricidade no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**. Medianeira-BR, v. 09, p.169-183. Setembro/ dezembro. 2018. ISSN: 2175-1846. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/viewFile/5190/pdf. Acesso em: 17 de abril de 2021.

XAVIER, Juliana. **A importância do desenvolvimento motor na primeira infância.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/importancia-do-desenvolvimento-motor-na-primeira-infancia. Acesso em: 08 de dezembro de 2021.

XISTO, Patrícia Baldecera; BENETTI, Luciana Borba. A psicomotricidade: uma ferramenta de ajuda aos professores na aprendizagem escolar. **Revista Unipampa**, Cascavel, v.8, p. 1824-1836. ISSN: 2236-1308. UFSM, 2012. Disponível em: file:///D:/Downloads/revistas,+v8n8p1824-18362012.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.